


Psicanálise e educação na universidade brasileira: Caminhos, reflexões e possibilidades

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.020-004>

Alex Barreiro

Dr. em Educação, IPEP (Instituto de Estudos e Pesquisas em Psicanálise nos Espaços Públicos)
E-mail: barreiroalex86@gmail.com

Suzane Costa

Ms. em Educação, IPEP (Instituto de Estudos e Pesquisas em Psicanálise nos Espaços Públicos)
E-mail: suzane.psi.costa@gmail.com

RESUMO

A partir de um panorama histórico do campo da psicanálise e educação no Brasil e na universidade brasileira foi possível verificar que os principais nomes atuantes e produtores de conhecimento dessa área. A luz do método historiográfico do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e da análise proposta por Pierre Bourdieu, foi possível identificar que a maior parte das produções se encontram no estado de São Paulo, mais especificamente na Universidade de São Paulo (USP). Para este artigo, salientamos dois grandes da área, sendo eles: Leandro de Lajonquière e Maria Cristina Machado Kupfer. Essa pesquisa se caracteriza por uma revisão de literatura e avanços encontrados no campo da psicanálise e educação no estado de São Paulo e na universidade brasileira.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, História, Brasil.



1 INTRODUÇÃO

1.1 A CHEGADA DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Oliveira (2002) relata que a psicanálise começou a ser divulgada no Brasil desde o final do século XIX através de professores de psiquiatria das faculdades de medicina. Os primeiros trabalhos de divulgação da psicanálise nas universidades datam de 1914, com o psiquiatra Juliano Moreira e, em 1929, continuada pela figura de Júlio Pires Porto Carrero.

A partir de então, passa a ser difundida no Brasil de forma mais sistemática. Nesse mesmo ano de 1914 é defendido, na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, o primeiro trabalho acadêmico em psicanálise no país, escrito pelo médico Genserico de Souza Pinto. (OLIVEIRA, 2002, p. 152).

A tese de Pinto (1914) inaugurou um espaço para recepção e início da consolidação do campo no Brasil; já que, nesse período, a psicanálise não era tão conhecida pelos estudiosos no Brasil e pelo público em geral.

A grande divulgação do pensamento psicanalítico no Brasil ocorreu primeiro em dois grandes estados, sendo eles, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para tanto, vale a pena destacar que o Rio de Janeiro contou com a primeira tese publicada de psicanálise, bem como, se destaca por ter tido, a primeira cadeira sobre psicanálise na Psiquiatria Médico-Legal na Faculdade de Medicina, concebida por Afrânio Peixoto e Henrique Belford Roxo, em 1918. Este último realizou um curso sobre a doutrina de Freud, o que o tornou o primeiro professor de psicanálise no país, além de ter publicado um Manual de Psiquiatria em 1921, reservando várias páginas à psicanálise. (OLIVEIRA, 2002).

Seguindo o desenvolvimento do Rio de Janeiro, Júlio Porto Carrero foi o que mais se destacou dentro da temática da educação. Seu trabalho visava à interlocução da psicanálise com a ótica pedagógica e formulava ideias voltadas ao papel do lar e da escola na educação das crianças. Iniciou sua clínica na Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923. No ano seguinte, ele apresentou um caso orientado pela psicanálise na Academia Nacional de Medicina, publicando um livro no mesmo ano, além de ser um dos primeiros responsáveis pela historiografia do movimento psicanalítico (OLIVEIRA, 2002, p. 144).

Inicialmente ele aborda o tema na Aula Inaugural do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação em 1928 que ele intitulou *Psychanalyse – a sua história e o seu conceito*, inspirando-se no texto de Freud *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, de 1914. No ano seguinte, ele apresenta um relatório intitulado *Contribuição Brasileira à Psicanálise no III Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal* em que aborda os primeiros 15 anos de divulgação psicanalítica no Brasil.

Os textos de Carrero acerca da psicanálise estão reunidos em cinco volumes constituídos, em sua maior parte, por artigos que, motivados pelas publicações em alemão do vienense, preocupava-se



em produzir algum comentário para que a psicanálise chegasse a um número maior de pessoas. Inicialmente fazia isso em sua cátedra e, posteriormente, também em suas conferências.

Ensaio de Psicanálise (1929) é a primeira publicação de Porto Carrero sobre as ideias freudianas. Os ensaios reúnem temas de dezessete conferências proferidas pelo autor em várias instituições da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1927 e 1929. O primeiro ensaio foi assunto da primeira aula do Curso de Psicanálise da Associação Brasileira de Educação, no qual ele iniciou dizendo sobre “Fedro” e “Banquete” de Platão, falou sobre o amor nos livros e os compara aos conceitos de Freud.

E se o progresso humano nada mais é do que a recapitulação dos mesmos fatos em planos superiores do desenvolvimento cultural, não é de assombrar seja Freud a reprodução metempsiótica do grande peripatético, refletida através das eras, engrandecida na grande lente dos séculos, original não obstante, pois é sempre original vetera novis augere et perficere. (OLIVEIRA, 2002, apud, CARRERO, 1929, p. 11 - 12).

A conclusão de sua primeira aula deu-se com a exaltação da obra freudiana através de seus olhos e o destaque de sua relevância para o estudo da humanidade, bem como a indicação de eventos de psicanálise no Brasil que aconteceram na década de vinte.

Nosso segundo lugar de destaque nesta pesquisa, se deu pelo estado de São Paulo. Reconhecido como referência da psiquiatria local, Franco da Rocha também assumiu uma cátedra na Faculdade de Medicina em 1919, e ministrou uma aula intitulada “Do delírio geral”. (DEPARTAMENTO DE DOCUMENTOS SBPSP, 2020). Mais adiante, essa aula foi publicada pelo jornal “Estado de São Paulo”, chamando a atenção de Durval Marcondes, que viria a ser um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento da psicanálise no Brasil, inclusive na criação da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise.

As publicações brasileiras tinham cunho acadêmico, justamente por se tratar de conferências e ensaios ocorridos em salas de aula, nos cursos de medicina do país. Segundo Oliveira (2002), Franco da Rocha lançou a primeira publicação de impacto no país com o livro *O pansexualismo na doutrina de Freud*.

Cabe salientar que esses sujeitos transmitiam o pensamento freudiano, sua técnica e teoria, mas não obtinham o interesse em aplicar a teoria na clínica. Porém, foram eles que se tornaram conhecidos por compartilhar o pensamento de Freud no Brasil e nas universidades.

Podemos dizer que o interesse em aplicar a técnica psicanalítica no espaço clínico ganha força em 05 de junho de 1944 com o Grupo Psicanalítico de São Paulo, a partir de trocas de cartas de Durval Marcondes com Freud nos anos de 1931 e 1935. Durval tinha o interesse no estudo e aplicação dessa nova teoria e técnica terapêutica. Quase cerca de 10 anos depois de seu primeiro contato com Freud, foi possível o estabelecimento deste grupo em São Paulo.



Esses documentos estão presentes na Divisão de Documentos da atual Sociedade Brasileira de Psicanálise, na sede de São Paulo, mas não podem ser fotografados e/ou copiados. Estão disponíveis apenas para consulta local e assistida. (DEPARTAMENTO DE DOCUMENTOS SBPSP, 2020).

O grupo era composto por: Flávio Dias, Virgínia Bicudo, Durval Marcondes, Adelheid Koch, Frank Phillips e Darcy Mendonça; esse grupo mantinha-se segundo as normas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Dentre seus objetivos estavam:

- a) desenvolver a psicanálise, ramo científico fundado por Sigmund Freud, tanto no que se refere à teoria como as suas aplicações práticas à medicina e às ciências mentais;
- b) estabelecer e manter relações com os demais grupos e sociedade do mesmo gênero. (MORKREJS, 1993, p. 21).

A mudança do Grupo para uma Sociedade veio a partir da primeira reunião e dos debates propostos pelos membros, no qual ficou decidido que Durval Marcondes encaminharia uma carta para Ernest Jones visando à transformação e aceitação desse Grupo Psicanalítico para uma Sociedade Psicanalítica reconhecida pela IPA.

Em paralelo, Juliano Moreira fundou a primeira Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro no Hospital dos Alienados. (MORKREJS, 1993) Um ponto marcante entre as duas Sociedades era justamente a composição de seus membros. No Rio de Janeiro, foi composta primeiramente pela ala médica do estado, devido justamente à sua força no meio acadêmico e nos cursos de medicina, atrelada aos discursos dos psiquiatras da época. Já, em São Paulo, a participação era ativa por artistas, intelectuais e profissionais das mais diversas áreas.

Seria esse um dos motivos que São Paulo tem o maior número de publicações em psicanálise e educação devido à essa participação ativa de mais diversas áreas?

No mínimo, podemos afirmar que a consolidação e a passagem do pensamento psicanalítico ganhou força no meio universitário e encontrou ali uma maneira de continuar vivo e de que mais pessoas pudessem ter contato com a área da psicanálise e suas intersecções possíveis.

Um fato curioso que pudemos verificar nas leituras de Oliveira (2005), em 1936, Durval Marcondes e Pacheco Silva disputaram uma cadeira pela disciplina Neuropsiquiatria, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco Silva venceu o concurso e, conseqüentemente, passou a exercer grande influência na formação dos psiquiatras. Sua aversão à psicanálise fez com que esta deixasse de ser ensinada aos futuros médicos paulistas.

A autora segue sua discussão questionando o que teria acontecido caso Durval Marcondes tivesse vencido a disputa, e levanta a hipótese de que os rumos da psiquiatria poderiam ter sido diferentes, com uma maior aderência à psicanálise, sem dúvida. A partir desse episódio, Durval Marcondes começou a se aproximar da psicologia clínica, campo no qual a psicanálise encontrou



bastante apoio. Não à toa, a psicanálise é ensinada até os dias de hoje nos cursos de graduação de psicologia, como uma das psicoterapias possíveis. Vale salientar aqui, que não nos aprofundamos no fato de a psicanálise ser considerada por muitos como “abordagem” da psicologia, esta crítica e análise será desenvolvida em trabalhos futuros.

Ao voltarmos para a divulgação em São Paulo, podemos destacar que se deu por iniciativa do então filósofo Luiz Carlos Nogueira, que, marcado pela leitura de Paul Ricoeur, integrou a primeira turma de pós-graduação em Psicologia da USP em 1969 sob a orientação de Durval Marcondes, antes de sua estadia na França, que o levou a aderir ao lacanismo. A partir daqui, temos também, um dos caminhos de chegada do lacanismo no Brasil.

Vale destacar, ainda na pós-graduação, a figura de Marilena Chauí que, em 1971, ministrou a disciplina “Merleau-Ponty e a psicologia” e, no ano seguinte, publicou o artigo "Linguística e psicanálise em Lacan". (OLIVEIRA, 2005).

Nos anos 70 e 80, Chauí orientou dissertações de mestrado e teses em filosofia e psicologia de uma boa parte da geração e, desde então, assumiu o ensino da Psicanálise em diferentes universidades paulistas, como por exemplo na orientação de Luiz Roberto Monzani (Filosofia, UNICAMP), Renato Mezan (Psicologia, PUC-SP).

De acordo com Birman (1998), outro fato importante para a inserção da psicanálise nas universidades brasileiras, deu-se no início da década de 1970, momento em que o pensamento lacaniano passou a chegar no país e, por vezes, foi aderido pelos psicólogos de formação. Devido a todo contexto francês e de não aceitação do pensamento lacaniano pela IPA, os profissionais que se afeiçoaram ao seu modo de pensar a psicanálise não tinham lugar de aceitação nas Sociedades vinculadas à IPA e, desta forma, encontraram refúgio para continuar suas pesquisas dentro das universidades.

A fragmentação dos espaços institucionais, através das sucessivas cisões, vem enfraquecer o movimento lacaniano; o espaço institucional não seria mais visto como espaço de reconhecimento, fazendo com que analistas migrem para as universidades. (BIRMAN, 1998, p. 27).

Na mesma década, aconteceu a entrada oficial da psicanálise na Pós- Graduação brasileira, que ocorreu a partir da criação do curso de Especialização em Psicologia Clínica na PUC-RJ em 1966. Tal modalidade tinha como objetivo realizar a formação de psicólogos de orientação psicanalítica, impedidos, como já citado, de seguir uma formação em escolas de psicanálise por não ter como formação primeira a medicina. (OLIVEIRA, 2006).

A partir deste momento, segundo Figueiredo (2008), a universidade exerceu, então, a função de formar profissionais em psicanálise, mas não reconhecidos como psicanalistas. A psicanálise aparece, dessa forma, nos primeiros Mestrados em Psicologia do país (curso da PUC-RJ, criado em 1966) com dissertações defendidas, sobretudo após a década de 1970.



Dessa maneira, o primeiro espaço de formação psicanalítica para psicólogos foi dentro das universidades. Esses sujeitos encontravam nos programas de pós-graduação uma possibilidade de contato mais detalhado com a teoria psicanalítica.

O mesmo acontece na França, quando a psicanálise se aproxima da universidade pela via da psicologia clínica em um movimento de duplo suporte; pois, segundo Roudinesco (2009), a psicanálise fornecia à psicologia clínica o suporte teórico que lhe faltava e essa última garantia a entrada e permanência da psicanálise na universidade.

2 DURVAL MARCONDES E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO

Oliveira (2006) nos apresenta um cenário de São Paulo, imerso e conectado com a Semana de Arte Moderna, momento no qual os artistas do movimento se interessavam fortemente pelas contribuições freudianas, principalmente as apresentadas em seu texto “Totem e Tabu (1913)”; o que, por sua vez, auxiliou também na difusão da teoria em território nacional.

A psicanálise propagada em São Paulo teve influência direta da vertente artística e médica, cada uma com seu viés. O destaque médico se deu pela perspectiva do desenvolvimento sexual infantil, o que reverberou também nas teses da educação e nas leituras que a própria psicanálise trazia para esse campo. Por sua vez, no âmbito artístico, amparava-se em uma crítica social e cultural do movimento modernista.

Durval Marcondes foi um dos maiores seguidores das ideias de Franco da Rocha, que, por sua vez, foi o responsável por trazer a psicanálise para dentro das universidades em São Paulo, com publicações acadêmicas pela Faculdade de Medicina de São Paulo (MOKREJS, 1993). Para Lins (2011, p. 30), "a psicanálise praticada por Durval Marcondes não deixava de atrelar-se a um saber adaptativo da personalidade do indivíduo ou de ser um meio de prevenção das psicopatias na infância".

Dessa maneira, Marcondes foi responsável por inserir a psicanálise enquanto uma disciplina psicológica no Brasil, defendendo que ela poderia ser praticada pelos não-médicos. Freud (1926) defendia: que a psicanálise deveria ser entregue a todos aqueles que tivessem o desejo de explorá-la, e que estivessem dispostos a seguir alguns critérios de formação estabelecidos na época e vigentes para alguns psicanalistas até os dias de hoje por meio da IPA (Association International of Psychoanalysis).

Seguindo essa ideia de uma possível formação, Durval Marcondes fundou a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil, em 1927, na cidade de São Paulo. Franco da Rocha era o presidente, Durval Marcondes o secretário, e queriam apenas divulgar a psicanálise, que era bastante desconhecida pela população brasileira. A divulgação da psicanálise por meio da educação foi uma forma encontrada para que fosse realizado esse projeto, visto que se acreditava que na educação iriam encontrar eco para as ideias que pretendiam defender. Desta forma, encontramos as primeiras ideias psicanalíticas brasileiras



tanto nos relatos de reuniões médicas, quanto nos compêndios pedagógicos e em obras literárias publicadas em alguns estados brasileiros. (LINS, 2011, p.31).

As questões do campo da educação se faziam presentes nas reflexões de Marcondes, visto que em 1930, Durval Marcondes, ministrou, na Sociedade de Educação, um curso de psicanálise em que sustentava a ideia de que a falta de uma educação sexual nas escolas seria um dos fatores que levariam à doença mental. Ele trazia a ideia inicial do caráter preventivo da utilização da psicanálise na educação e enfatizava a importância da imitação para a formação psíquica, ou seja, para ele o temperamento era resultado do modelo de identificação da criança com seus pais e sugeria cuidados especiais no que se referia à conduta, de modo geral, na hipótese de que a autoridade excessiva dos pais poderia acarretar desvios de personalidade.

Lins (2011, p. 56) afirma que “o objetivo dos Círculos era o de que os pais pudessem colaborar com o Instituto de Higiene Mental no sentido da eliminação dos “maus hábitos” da primeira e segunda infância”. Posteriormente, esses círculos auxiliaram na criação da Liga de Higiene Mental Escolar, proposta por Durval Marcondes e vinculada ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

Esse serviço foi criado por Durval Marcondes e, como psiquiatra e inspetor da Higiene Escolar e Educação Sanitária, tinha como objetivo estruturar um serviço de assistência à criança escolarizada e aos frequentadores das escolas públicas de São Paulo, que manifestassem problemas de personalidade ou conduta.

Vale ressaltar que esse pensamento com um viés de cura das neuroses, já foi superado dentre os pesquisadores da área, que a partir dos avanços nas pesquisas e leituras, puderam contrapor o pensamento de Durval Marcondes, por exemplo, quando este recebeu a tarefa de organizar a Assistência Médico- pedagógica para os “débeis mentais” e, nesse contexto, foram criadas as primeiras classes especiais. Mas Durval desejava mesmo desenvolver um projeto de atendimento em psicanálise em instituição de caráter público e, assim, destinava Clínica ao atendimento da população mais desfavorecida. (OLIVEIRA, 2006). 58).

Roudinesco (2009) apresenta que a articulação do pensamento entre psicanálise e educação tem origem nos diálogos estabelecidos entre Freud e alguns psicanalistas e estudiosos da educação, como por exemplo, Pfister (1873 - 1956) e Bovet (1878 - 1965).

Posteriormente, esses pedagogos estavam interessados na formalização de uma Pedagogia da Psicanálise, denominada por Pedanálise. Em 1908, Ferenczi foi o primeiro psicanalista a tratar da educação, em uma conferência chamada “Pedagogia e Psicanálise” (FREUD, 1929). Alguns autores trabalharam o tema das mais diversas formas, como foi o caso de Françoise Dolto, Anna Freud e Maud Mannoni.

A constituição desse novo campo de pesquisa, agora instaurado como psicanálise e educação, teve alguns destaques e continuaremos aqui pelas produções do estado de São Paulo.



3 SÃO PAULO E AS PRODUÇÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA PSICANÁLISE, PÓS DURVAL MARCONDES

Para iniciarmos essa discussão, faz-se necessária a apresentação de algumas figuras que foram, e são, de extrema importância para pensarmos o diálogo entre esses dois campos do saber, por serem as obras mais citadas em trabalhos entre psicanálise e educação, e por possuírem muitas publicações com relevância para o avanço do conhecimento entre esses dois campos.

A primeira delas, Maria Cristina Kupfer, possui graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1974), mestrado em Psicologia Escolar, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1990)¹.

Em 1989, em seu livro, *Freud e a Educação: o mestre do impossível*, a autora apresenta a articulação de elementos do movimento nacional e internacional de relacionamento dos campos da psicanálise com a educação. São esses três elementos: o primeiro deles foi a criação de uma Pedagogia da Psicanálise, a Pedanálise; o segundo elemento se fez pelo trabalho dos psicanalistas em divulgar a psicanálise no âmbito escolar e familiar, a fim de trabalhar a neurose nas crianças para evitar as chamadas “criança problema”; já o terceiro elemento apresentado pela autora diz respeito ao ensino da psicanálise para aqueles que não são psicanalistas, desta forma salienta a figura dos educadores.

Algumas observações foram levantadas e organizadas em cima desse terceiro elemento pela própria autora, bem como por Lajonquière (1999). Esses seguiram a perspectiva da distinção entre pedagogia e educação, de crítica à própria pedagogia e da utilização das técnicas e métodos de ensino por meio dos quais a psicanálise ganhou maior espaço nas discussões sobre a educação e passou a constituir um campo próprio de interesse e de pesquisas no Brasil.

Considerando sua importância nas discussões entre psicanálise e educação no Brasil, apresentamos - a seguir - algumas reflexões de Kupfer e Lajonquière. Ao apresentar um modo de ver e entender a educação, Kupfer também atribui à psicanálise a possibilidade de discussão da figura da criança junto às circunstâncias que torna o caminho de seu conhecimento possível.

A psicanálise pode transmitir ao educador (e não à Pedagogia, como um todo instituído) uma ética, um modo de ver e entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho. Pode contribuir, em igualdade de condições com diversas outras disciplinas, como a Antropologia, ou a Filosofia, para formar seu pensamento. Nada mais se pode esperar dela, caso se queira ser coerente com aquilo que se constituiu essencialmente: a aventura freudiana. (KUPFER, 1989, p. 97).

¹ Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/6538542826518180>. Acesso em 15 de jul..2024.



Para exemplificar esse tipo de importação da psicanálise para a educação, Kupfer (1989) traça as linhas gerais do que seria a temática da transferência articulada ao ato educativo. Aqui, aparece um dos conceitos, utilizados como tema, que mais encontramos ao longo da revisão de literatura acerca dos trabalhos publicados na intersecção das áreas da psicanálise e educação: a transferência. Essa concepção de transferência, tomada do texto do próprio Freud, amplia a noção de que um clichê (estereótipo calcado na figura dos pais) é transferido para a figura do analista e do mestre.

O importante é fixar a ideia de que o desejo inconsciente busca aferrar-se a “formas” (o resto diurno, o analista, o professor) para esvaziá-las e colocar aí o sentido que lhe interessa. Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo. Essa formulação tem implicações tanto para o analista como para o professor. Instalada a transferência, tanto o analista como o professor tornam-se depositários de algo que pertence ao analisando ou ao aluno.

Em decorrência dessa “posse”, tais figuras ficam inevitavelmente carregadas de uma importância especial. E é dessa importância que emana o poder que inegavelmente têm sobre o indivíduo. Assim, em razão dessa transferência de sentido operada pelo desejo, ocorre também uma transferência de poder. (KUPFER, 1989, p. 91).

Leandro de Lajonquière (docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade de Paris VIII) dedica-se, há trinta anos, aos estudos psicanalíticos no campo da educação, da infância e da formação docente. É, em parte, responsável pelos avanços registrados na área no Brasil, na Argentina e, agora, na França. Esse autor resgata o estatuto da educação nos textos freudianos e nos de outros autores na perspectiva de não incorrer no viés tecnicista e adaptativo que configura o discurso pedagógico moderno.

Em suas obras *De Piaget a Freud* (1995) e *em Infância e ilusão (psico) pedagógica* (1999), e em *Figuras do Infantil* (2010), Lajonquière preocupa-se em realizar uma crítica sobre a pedagogia moderna, na qual a psicanálise teria a função maior de realizar uma subversão dos saberes cientificistas que essa pedagogia tem propagado. A conexão psicanálise e educação realizou-se diversas vezes na perspectiva positiva, ou seja, extraindo dos conceitos psicanalíticos procedimentos para serem aplicados na educação, e isso ocorria para elucidar as práticas educativas e pedagógicas.

Lajonquière também nos apresenta que a conexão entre psicanálise e educação só pode ocorrer se houver uma “clareagem psicanalítica” da pedagogia, o que significa uma recuperação do sentido de uma educação que produza efeitos de subjetivação nesse processo. O autor diz isso amparado pelas ideias de Maud Mannoni. Para ele, a articulação entre psicanálise e educação seria possível se esta última fosse entendida como discurso social, de modo que o conceito de educação recobre o de laço social.

Lajonquière se baseia no pensamento que Mannoni desenvolve em *Educação Impossível* (1988) e afirma que é possível desenvolver algo de qualidade na conexão entre psicanálise e educação,



se a psicanálise deixar de lado a pedagogia e mirar na perspectiva de resgate da dimensão educativa, que deve propiciar que os efeitos subjetivantes sejam produzidos.

Kupfer, mesmo tendo seguido as indicações de Millot (1987), passou a defender o casamento da psicanálise com a educação, principalmente na área da educação especial, com a educação terapêutica. Assim, uniu esses campos não no sentido da criação de uma prática pedagógica, mas no sentido de um trabalho que é terapêutico na medida em que considera a educação estruturante para o sujeito.

Assim, essa autora baseou-se nas discussões de Manonni sobre a importância da dimensão educativa implicada nos processos de subjetivação, e também se baseou em Dolto, para direcionar essa discussão a partir das referências oriundas da clínica psicanalítica.

Lajonquière (1988), por sua vez, também inspirado em Manonni, defende a possibilidade de conexão entre psicanálise e educação. Ele acredita que a psicanálise tem a tarefa de esclarecer e iluminar o campo educativo quanto aos impasses que atravessam a educação no contexto contemporâneo.

As produções a partir das reflexões elucidadas por esses dois pesquisadores foram imensas, destacadas pelo campo da formação de professores, transferência na relação professor-aluno, assujeitamento das crianças, educação especial, entre outros.

Destacando essas diferentes produções, temos o livro, *As abelhas não fazem fofoca*, estudos psicanalíticos no campo da educação (2021). O título do livro faz alusão direta a uma passagem de Freud em *Mal Estar na Civilização* (1930), na qual o autor se questiona sobre o porquê os animais não exibem os mesmos mecanismos de socialização que os humanos, e a intenção dos autores do livro, apresentado por eles ao longo dos textos e na live de lançamento do livro no Youtube, de que as abelhas não fazem fofoca, porque elas não são dotadas da linguagem, e não passam por um processo de educação como os humanos, ou seja, atravessados por outros humanos.

O livro faz parte da coleção *Psicanálise e Educação*, coordenada pelo Leandro de Lajonquière no Instituto Langage em São Paulo, sendo as outros coordenadores desta edição, Janaína Rosado e Marcos Pessoa, e também é o segundo livro desta coleção, que tem por objetivo homenagear o professor Leandro de Lajonquière, compilando as recentes pesquisas de seus orientandos no campo da psicanálise e educação.

O destaque para essa obra, se faz também em sua divisão, a primeira parte – *Da Docência*, segunda parte – *Da Inclusão*, terceira e última parte – *Da Linguagem*. Lajonquière também utiliza a alegoria das abelhas em seu livro *Figuras do Infantil*, e ainda hoje, em seus seminários ministrados na USP. Diferentemente da comunicação consistente das abelhas, a linguagem humana é marcada por equívocos, imprecisões e ambiguidades; enquanto uma abelha se utiliza de uma comunicação precisa,



o que por sua vez a impossibilita de falar de algo que ela própria não testemunhou, ou seja, elas não podem fazer fofoca.

O desejo de saber, permeia os textos do primeiro eixo sobre docência e voltam-se para o ato educativo. No momento intitulado da inclusão, os textos abordam questões referentes à entrada das crianças na escola e as dificuldades enfrentadas ao longo desse processo. A última e não menos importante parte desse compilado, retoma a ideia de que tanto a experiência freudiana quanto a educação são unicamente possíveis no interior do campo da palavra e da linguagem, o que por sua vez explica a forte influência que percebemos da psicanálise francesa nos trabalhos de psicanálise e educação, uma vez que Lacan se remete a força da linguagem e da palavra em toda sua obra.

Ao pensarmos na linguagem, junto dela, vem as questões da comunicação daquela criança no mundo e as formas que ela é inserida em uma comunidade.

Kupfer (2019) nos apresenta, questionamentos acerca da função exercida por um espaço de acolhimento para crianças de até três anos e seus pais, cujo funcionamento se inspira no modelo francês da Maison Verte (Casa Verde), criada por iniciativa de Françoise Dolto em 1979.

No estudo de caso a autora propõe investigar a forma como os educadores que se ocupam de bebês nas creches participam de seu desenvolvimento e subjetivação. Seu estudo parte de uma concepção da educação orientada pela psicanálise, segundo a qual participaria da constituição do sujeito.

Jamila nos dá a ver, de imediato, sua hipotonia e inibição corporal, determinantes em sua aparente ausência de prazer em brincar. Na semana seguinte, a mesma cena se reproduz. Sua mãe está mais presente no contato com ela e lhe propõe diversos brinquedos, mas Jamila não procura nem tocá-los. A primeira fala muito sobre sua filha neste dia, enumera tudo o que sabe fazer em casa e discorre sobre os benefícios do aleitamento materno. Aos poucos, Jamila começa a se deslocar pelo espaço da sala. Quando se aproxima do pé de um pequeno escorregador, inclinando-se 83 sobre seu pequeno degrau, a mãe precipita-se, afirmando que é muito perigoso, e coloca-a sentada longe dali, sem lhe dizer nada. Jamila também começa a se interessar pelos brinquedos que sua mãe lhe oferece, por vezes segurando-os ou colocando-os na boca, mas, ao constatar que ela não brinca como lhe diz para fazer, a mãe se distancia. Nesses acolhimentos, não há momentos de brincadeiras entre Jamila e sua mãe, nem com outras pessoas (KUPFER, 2019, p. 339).

A fala aparece não apenas nesse trabalho, mas nos demais citados ao longo dessa pesquisa, como um dos principais pontos da interseção entre os campos da psicanálise e educação.

Em Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, Lacan (2001[1953]) utiliza a expressão “fala verdadeira”, ele se inspira na análise feita por Heidegger sobre a verdade nos présocráticos. O termo verdade tira seu sentido da palavra grega alethéia como desvelamento e jamais no sentido de adequatio, como correspondência da ideia à coisa. É algo que surge, que aparece na análise pela interpretação ou quando há uma falta na fala, seja em um lapso, seja em um chiste. Lacan utiliza a palavra “revelação” quando ele escreve: “A ambiguidade da revelação histórica ... ela nos



apresenta o nascimento da verdade na fala e, através disso, esbarramos na realidade do que não é nem verdadeiro ou falso” (p. 257). E ele continua:

Pois a verdade dessa revelação é a fala presente, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada em cada encruzilhada em que o acontecimento fez a sua escolha. (Lacan, 2001 [1953], p. 257, grifos nossos)

O efeito e o poder da fala nos remetem aquilo que é primordial também no ato de educar, a própria aquisição da linguagem e os efeitos que ela pode produzir no desenvolvimento das crianças. Como já visto ao longo desse capítulo, existe algo de poderoso na fala dos pais e dos professores que faz com que os alunos possam continuar a desejar, acreditem que a aposta numa vida adulta seja possível.

Para Lacan, a palavra se liga a identificações imaginárias que posteriormente, quando atravessadas pelo silêncio do analista pode produzir um abismo que o leva a um estado originário de desejo. Aqui pensamos através dessa intervenção, também pela figura do professor, que uma vez que mantém o lugar de suposto saber a seus alunos, pode continuar a produzir o desejo por, de seus alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre psicanálise e educação vem de longa data, desde que Freud demonstrou seu interesse pela pedagogia na intenção de possibilitar uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente (FREUD, 2006 [1913]).

A palavra é a fala endereçada tanto a um outro próximo quanto ao grande Outro da linguagem. Esse endereçamento pressupõe o sujeito, assim como implica todo e qualquer sujeito humano. O sujeito é aquele do inconsciente, ou seja, isso que “um significante representa [...] para um outro significante” (LACAN, 2011 [1960], p.819).

Retomamos aqui o pensar sobre quais as contribuições da psicanálise à educação. E também, o que vem sendo produzido no espaço da universidade brasileira acerca dessa intersecção de campos.

A ilusão (psico)pedagógica máscara a fragilidade inerente a todo laço educativo e, portanto, cabe à psicanálise na educação visar à sua dissolução para, assim, possibilitar que os adultos venham a endereçar a palavra a uma criança no nome (im)próprio do desejo em causa no ato, e não em nome dessa miragem que chamamos natureza psicológica.

A contribuição então, está na possibilidade de trazer ao consciente, a partir da análise das práticas educativas, conteúdos do inconsciente do professor de forma a elucidar o porquê de algumas ações em sala de aula. Portanto, a importância da Psicanálise na formação dos educadores não está no sentido de lhes proporcionar mais uma técnica pedagógica, desenvolvida a partir de uma teoria



desvinculada da prática, mas, sim, de remeter-lhes a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o educando.

Assim, ao longo dessa pesquisa e das produções do campo psicanálise e educação, foi possível ver que uma educação que se preze implica na transmissão de marcas de pertencimento ou filiação que possibilitam a uma criança conquistar para si, um lugar de palavra numa história em curso. Por outro lado, o discurso (psico)pedagógico hegemônico, torna a educação um fato de difícil acontecimento.

Não podemos prever, nem prevenir o que irá acontecer na educação, mas não temos dúvidas que dispor-se a educar invocando a natureza seja o caminho mais curto para curto-circuitar o trabalho da criança de se fazer um lugar como sujeito no mundo.

Pensamos que este trabalho implica em endereçar-se às crianças professando certas verdades disciplinares, o que por sua vez traz à tona dois pontos a serem considerados: o primeiro deles é o da relação íntima do professor com aquilo que ele tem a professar (entendido aqui, como aquilo que o professor têm a transmitir publicamente a seus alunos); o segundo diz respeito ao próprio ato de transmissão da educação que visa o encontro e desencontro com os alunos, mas também exige o encontro com o seu lado adulto, o seu ser professor.

Pensar em pesquisas futuras a partir dos efeitos da palavra. Todo aquele que professa, se autoriza a professar de si mesmo na sua relação com os outros e na que procederam antes dele.

Com as palavras de Catherine Millot, finalizamos por ora, essa discussão: “Tudo o que o pedagogo pode aprender de análise e pela análise é saber colocar limites a sua ação: saber que não pertence a ordem de nenhuma ciência, se não, da arte” (MILLOT, 1979, p.205).



REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 8, p. 123-144, 1998.
- FREUD, S. “Totem e Tabu”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.13-155.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [1953].
- LACAN, J. O seminário, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1960].
- LAJONQUIÈRE, L. Infância e Ilusão (Psico) Pedagógica: escritos de psicanálise e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAJONQUIÈRE, L. Elucidação comparativa dos estudos em psicanálise e educação na França e no Brasil: a psicanálise aplica-se à educação? São Paulo: Educar, 2017, p. 21-38.
- KUPFER, M. C. M. Freud e a Educação: O Mestre do Impossível. São Paulo: Scipione, 1989.
- KUPFER, M. C. M. Educação para o Futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2001.
- KUPFER, M.C.M. A função de intervalo para o espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais. Rio de Janeiro: Ágora, 2019.
- LINS, F. A psicologização da psicanálise na educação: um estudo da conexão psicanálise e educação em São Paulo - Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MARCONDES, D. A Medicina e a Psicologia. São Paulo: Martins, 1951.
- MILLOT, C. Freud antipedagogo. Zahar, 2001 [1979].
- MOKREJS, E. A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.
- OLIVEIRA, C. L. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses panssexualistas na educação. Rio de Janeiro: Ágora, 2002.
- OLIVEIRA, C. L. História da psicanálise - São Paulo (1920-1969). São Paulo: Escuta, 2006.